

XVI Seminário Internacional
de Estudos de Literatura

**22 a 24
novembro**

**Local:
Auditório do RDC
PUC Rio**



**diálogos
latinoamericanos
nas artes
e na literatura
do século
XXI**



XVI. Seminário Internacional de Estudos de Literatura

ABERTURA	Boas Vindas de Alexandre Montauray, Heidrun Krieger Olinto e Karl Erik Schøllhammer	QUA 22.11.23	9h
PAINEL 1	Mary Luz Estupiñán Serrano (UMCE) > Hilos sueltos. Materia, técnica y ecología en el arte textil Victa de Carvalho (ECO-UFRJ) > Fotografia e Arte têxtil: imaginações artísticas para vidas compartilhadas Vivien Kogut de Sá (Universidade de Cambridge) > As várias vidas da ibirapema: revisitando os primeiros encontros entre o Brasil e a Europa Mediação: Karl Erik	QUA 22.11.23	10h
KEYNOTE	Joca Reiners Terron - Escritor > O rei canônico e o rei secreto - realismo versus não-realismo na ficção latino-americana atual Mediação: Luiz Guilherme	QUA 22.11.23	14h
PAINEL 2	Bruno Guimarães Martins (UFMG) > Enigmas impressos: o novo, o antigo e o meio na leitura de jogos literários Mónica González García (PUCV) > El sensorio del Plantacionoceno en la novela abolicionista Úrsula, de Maria Firmina dos Reis Paloma Roriz (PUC-Rio) > Ficções de infância em alguma poesia contemporânea: cenas, fronteiras, prospecções Mediação: Rosana Kohl Bines	QUA 22.11.23	15h30
PAINEL 3	Luciana Gattass (PUC-Rio) > Colonialismo 2.0: Os vários Cosmopolitismos e os Grandes Modelos de Linguagem Luz Horne (San Andrés, Buenos Aires) > O rumor do universo: rumo a um universalismo terrestre e a uma linguagem geológica nas práticas estéticas latino-americanas contemporâneas	QUI 23.11.23	9h

	Sara Brandellero (Universidade de Leiden) > (Re)Democratização, decolonialidade e disputas narrativas: reflexões sobre diálogos e representações em Mestre e o Divino (2013) Mediação: Fred Coelho		
PAINEL 4	José Godoy (IEL-Unicamp) > Nosso trauma vem de longe: recorrências espaciais na literatura e no cinema latino-americanos contemporâneos Luis Gill da Cruz (PUC-Rio) > Compor as temporalidades da memória no Chile contemporâneo Mônica Vaz da Costa (UFMG) > Imagens testemunho: Violência de Estado na América do Sul Mediação: Aline Leal	QUI 23.11.23	11h
KEYNOTE	Eduardo Viveiros de Castro (Museu Nacional UFRJ) > Máquinas sobrenaturais e outros habitantes da tríplice fronteira antropológica Mediação: Karl Erik Schøllhammer	QUI 23.11.23	14h
PAINEL 5	Fred Coelho (PUC-Rio) > “Sou eu, é você, é América Latina”: especulações políticas e estéticas para um Brasil afro-latino-americano Maria Inés de Torres (Universidad de la República) > El latinoamericanismo de Ángel Rama o la construcción de un continente: crítica cultural y redes intelectuales Natalie Lima (UFF/Faperj) > Viagens ao México: regimes de visibilidade em Mário Bellatin e Roberto Bolaño Rafael Gutiérrez (UFRJ) > Literatura e impossibilidade: o caso de Mario Levrero Mediação: Marco Pamplona	QUI 23.11.23	15h30
PAINEL 6	Daniela Dorfman (UNSAM) > “¿Qué más iba a hacer la pobre?” Del Martín Fierro a la China Iron, reescribir los discursos que fundaron la Nación Argentina Kelvin Falcão Klein (UNIRIO) > Notícias da escritura: Sergio Chejfec e a literatura documental Luiz Guilherme Fonseca (PUC-Rio) > O arquivo monstruoso da literatura argentina: exumação, escritura e performance na obra de Ariel Luppino Mediação: Ana Luiza Fernandes	SEX 24.11.23	9h

PAINEL 7	<p>Aline Leal (PUC-Rio) > O eco dos arquivos perdidos</p> <p>Mariana Maia Simoni (Freie Universität) > Novas perspectivas sobre metamorfose na literatura latino-americana</p> <p>Raúl Rodríguez Freire (PUCV) > Formas de la ficción: la plasticidad en el atardecer del mundo</p> <p>Mediação: (Luciana Gattass - a confirmar)</p>	SEX 24.11.23	11h
PAINEL 8	<p>Christian Dutilleux (UFRRJ) > Distopias latino-americanas: reflexões a partir de "Insensatez" (2004) do hondurenho Horacio Castellanos Moya e do "Material humano" (2009) de guatemalteco Rodrigo Rey Rosa</p> <p>Marcelo Santana Ferreira (PUC-Rio) > Teor testemunhal na literatura latino-americana contemporânea: vestígios do estado de exceção</p> <p>Mario Cámara (UNA-UNSAM) > Plataformas de encuentro y escucha. De Vivi Tellas a Paulo Nazareth</p> <p>Mediação: (Victória Rebello - a confirmar)</p>	SEX 24.11.23	14h
ENCERRAMENTO	<p>Gilberto Mendonça Teles (PUC-Rio) & Karl Erik Schøllhammer (PUC-Rio) > Os arquivos do modernismo na América Latina</p>	SEX 24.11.23	16h

RESUMOS

PAINEL 1

Mary Luz Estupiñán

Título: Hilos sueltos. Materia, técnica y ecología en el arte textil

Resumo: El tejido ha solido fungir como metáfora del texto dado que comparten una misma raíz etimológica (textus), metáfora que fue renovada en los años setenta por la crítica francesa (Jacques Derrida, Roland Barthes, Julia Kristeva). Pero el tejido también ha sido materia para las artes visuales experimentales (Anni Albers, Sheila Hicks). Si bien, este último gesto legitimó las materias blandas y dúctiles (Leroi-Gourhan, Paola Tabet) para la creación artística, lo hizo sin necesariamente reconocer su potencia técnica (Aruma) y epistémica (Espejo). En esta presentación me interesa indagar precisamente el estatuto del tejido tanto en la literatura como en las artes visuales contemporáneas latinoamericanas.

Vieta de Carvalho

Título: Fotografia e Arte têxtil: imaginações artísticas para vidas compartilhadas

Resumo: Ao aproximar a fotografia das práticas andinas de tecelagem, a série “Detrás del têxtil” (2018-2019), da artista peruana Ana Teresa Barboza, oferece pistas para pensar possibilidades de vidas compartilhadas no contexto das atuais crises climáticas, sociais, políticas e estéticas que envolvem o planeta. Nesta série, suas imaginações artísticas se desdobram na criação de foto-esculturas de mapas geológicos híbridos de regiões específicas relacionadas às distintas práticas tradicionais de tecelagem em seu país de origem. Com a transgressão das fronteiras temporais e espaciais entre meios artísticos, matérias plásticas e diferentes culturas, suas obras abrem caminho para experiências que se desviam dos conhecidos regimes de imagem e subjetividade modernos, e se constituem sob bases epistêmicas não-humanistas. Para além de uma perspectiva que promete solucionar as atuais crises, tanto quanto para além de uma perspectiva calcada no esgotamento e no fim, as obras de Ana Teresa Barboza podem ser observadas através daquilo que Elvira Espejo chamou de procedimentos de criação e cuidados mútuos entre diferentes formas de vida. Sob a perspectiva de uma fotografia expandida, trata-se de perceber como a fotografia atravessada pelas práticas ancestrais de tecelagem, comumente associadas ao universo do trabalho artesanal feminino, pode funcionar como uma potente estratégia estético-política para a produção de outros modos de ser e de estar em comum.

Vivien Kogut Lessa de Sá

Título: As várias vidas da ibirapema: revisitando os primeiros encontros entre o Brasil e a Europa

Resumo: Este trabalho propõe analisar a complexidade dos primeiros encontros entre Brasil e Europa através da ibirapema, objeto tupi que se torna quase onipresente em relatos e representações visuais europeias da 'América' no século XVI. Arma mortífera, símbolo de canibalismo, ferramenta de feminilidade destruidora, ornamento fálico, mercadoria: a ibirapema pode ser vista na sua trajetória histórica como emblema dos encontros e desencontros culturais que permeiam as primeiras percepções europeias dos indígenas brasileiros. Que ansiedades, fantasias e medos encontramos projetados na ibirapema que aparece em Caminha, Vespucci, Staden e De Bry? E, numa conversa entre o passado e o presente: o que a ibirapema pode nos dizer sobre percepções do 'outro' no Brasil do século XXI, à luz das vozes indígenas que finalmente chegam ao mainstream?

PAINEL 2

Bruno Guimarães Martins

Título: Enigmas impressos: o novo, o antigo e o meio na leitura de jogos literários

Resumo: O enigma pode ser tomado como uma metonímia para as muitas variações de jogos literários, sejam *jogos literais* baseados nos sons ou na escrita alfabética, sejam *jogos gráficos ou figurados* que são elaborados a partir de imagens e signos não alfabéticos, pois ambos exploram ambiguidades e polissemias do significante dificultando sua adivinhação. Dessa forma, a escrita e a leitura de "discursos obscuros" promovem uma sensibilidade lúdica na manipulação da linguagem ao criptografar e decifrar sentidos. Seus desvios intencionais criam relações indiretas, ambiguidades e alusões, cavando uma espécie de abismo cuja transposição abre espaço para a percepção da materialidade midiática. Tratando-se de um fenômeno de longa duração caracterizado por migrações territoriais e midiáticas, buscaremos demonstrar nesta apresentação como estas fascinantes *microformas excêntricas* foram popularizadas pela imprensa mundial e latino americana na virada do século XIX para o XX. Descrever algumas das suas particularidades históricas e culturais será nosso desafio.

Mónica González García

Título: El sensorio del Plantacionoceno en la novela abolicionista *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis

Resumo: Esta investigación busca incluir la novela abolicionista brasileña *Úrsula*, publicada por la escritora afrodescendiente Maria Firmina dos Reis en 1859, en la reciente discusión interdisciplinaria sobre el Plantacionoceno y el papel de la colonización de las Américas en la creación de regímenes de subordinación de humanos y no humanos para nutrir la oferta y la demanda globales inicialmente derivadas del comercio triangular. De manera alternativa al Antropoceno, posible era geológica iniciada con la transformación del ser humano en agente de

cambio climático durante la Revolución Industrial (Crutzen & Stoermer 2000), la antropóloga Anna Tsing, la bióloga Donna Haraway y otras investigadoras proponen en 2014 el concepto Plantacionoceno para sugerir que dicha agencia surge con la agricultura moderna (de las plantaciones coloniales a las agroindustrias actuales) y su creación de modelos de disciplinamiento y simplificación de ecosistemas adaptados luego a la producción industrial. El análisis de *Úrsula* puede aportar al debate del Plantacionoceno, primero, porque su figuración de la plantación incorpora experiencias de mujeres y hombres esclavizados, lo cual es relevante pues, a diferencia de otras novelas abolicionistas, está escrita por una mujer afrodescendiente; y, segundo, porque su alegato contra la esclavitud elabora, con convenciones románticas, lo que llamo “abolicionismo cristiano”, argumento que sitúa su crítica dentro de los valores éticos y estéticos de la época. Propongo que el *lugar da fala* (Ribeiro 2017) de Maria Firmina dos Reis la habilita a ir más allá de las convenciones románticas para exponer un ángulo diverso de lo que llamo “sensorio del Plantacionoceno”, esto es, la experiencia problemática de modernidad, principalmente de personajes afrodescendientes, manifestada en sus memorias de cautiverio, su relación con la naturaleza simplificada de la plantación, su percepción de las relaciones raciales e, incluso, su empatía con los no humanos sometidos al régimen agrícola.

Paloma Roriz

Título: Ficções de infância em alguma poesia contemporânea: cenas, fronteiras, prospecções

Resumo: O presente trabalho propõe a leitura de produções poéticas portuguesa, brasileira e argentina, a partir de trânsitos imagéticos da infância como vetor crítico acionado entre a intermitência múltipla e desviante de fronteiras, cenários e circuitos. Trata-se de refletir em que medida essas ficções de infância ou teorias da infância, tomadas como uma lógica própria do imaginário (Daniel Link, 2014), podem se desenhar, em suas aproximações e contrastes, como figurações mediadoras para uma problematização de paradigmas eurocêntricos de modernidade poética e a construção prospectiva de novos horizontes epistemológicos nos estudos contemporâneos de poesia. Para isso, o trabalho convoca, numa leitura contraposta, fragmentos do pensamento poético de nomes como Arturo Carrera, Tamara Kamenszain, Ana Cristina Cesar, Manuel António Pina e Adília Lopes.

PAINEL 3

Luciana Gattass

Título: Colonialismo 2.0: Os vários Cosmopolitismos e os Grandes Modelos de Linguagem

Resumo: Os princípios e valores que devem orientar o desenvolvimento e o uso da IAs têm sido amplamente debatidos sob a rubrica do “alinhamento de valores.” Por originarem-se predominantemente no norte global, tanto os dados constituintes do treinamento dos Transformadores Generativos Pré-treinados (GPTs), quanto os engenheiros que os programam, tendem a reproduzir visões da maioria branca e abastada do norte global, apagando, ou minimizando, vozes periféricas e línguas “menores.” Trata-se então da ameaça de cristalização tecnológica de

discursos hegemônicos e neo-coloniais, aqui equiparados à retórica “democracia Cosmopolita” (Held, Archibugui). A fala lançará mão do arcabouço teórico dos cosmopolitismos latino-americanos (Siskind, Santiago) – inseridos, em grande medida, na tradição pós-colonial – para aventar a possibilidade de “falar contra” a expansão supostamente cosmopolita do Big Tech.

Luz Horne

Título: O rumor do universo: rumo a um universalismo terrestre e a uma linguagem geológica nas práticas estéticas latino-americanas contemporâneas

Resumo: Em *La Communauté Terrestre*, Achille Mbembé propõe, com base nas epistemologias africanas, um universalismo baseado no terrestre. Em sintonia com outros conceitos que surgiram nas últimas décadas -o chuluceno (Haraway); a metamorfose (Coccia); o corpus infinitum (Denise Ferreira da Silva)–, ou com os conceitos das epistemologias ameríndias –perspectivismo e multinaturalismo (Viveiros de Castro, Kopenawa, Krenak)–, Mbembé nos diz que a terra não é apenas o que nos é comum, mas que estamos em uma nova era na qual, pela primeira vez na história, estamos cientes de que compartilhamos um destino no qual não será possível erguer fronteiras políticas para a toxicidade da água que bebemos e do ar que respiramos. Este ensaio traça várias práticas estéticas latino-americanas contemporâneas nas quais surge um novo tipo de universalismo que, longe da abstração nominal, recorre ao material, ao sensível e ao corpo para nomear o comum. Assim, surge uma nova linguagem -uma linguagem geológica- e a esfera estética (sensível) se torna um local político-filosófico a partir do qual criar a comunidade terrestre.

Sara Brandelero

Título: (Re)Democratização, decolonialidade e disputas narrativas: reflexões sobre diálogos e representações em *Mestre e o Divino* (2013)

Resumo: Esta apresentação propõe uma breve revisão de manifestações recentes no campo do ativismo cultural e artístico indígena no Brasil, que têm se destacado no contexto de luta pela (re)democratização dos campos culturais e políticos brasileiros. Focará em seguida no papel do cinema indígena do projeto Vídeo nas Aldeias para o ativismo sócio-político arraigado na decolonialidade (seguindo Quijano 2000). Com isso em mente, esta fala se debruçará no documentário *Mestre e o Divino* (dir. Tiago Campos Torres, 2013) para discutir a maneira como a produção audio-visual indígena contemporânea dialoga com representações de raiz colonialista. Com efeito, o documentário inclui material de arquivo da missão Salesiana que a partir dos anos 50 visava catequisar as comunidades indígenas de Sangradouro (Mato Grosso). A partir deste material, o documentário constrói uma narrativa multiperspectiva, em que se confrontam pontos de vista coloniais e decoloniais. Neste exercício auto-reflexivo, se revelam as potencialidades e os desafios da narrativa audiovisual no sentido de acionar o ‘olhar revertido’ (Ntarangwi 2010).

PAINEL 4

José Godoy

Título: Nosso trauma vem de longe: recorrências espaciais na literatura e no cinema latino-americanos contemporâneos

Resumo: No final do ano de 1969, Octavio Paz realiza uma conferência na Universidade do Texas, em Austin, refletindo sobre o que havia se passado no México desde que havia lançado O labirinto da solidão, no início dos anos 1950. Impregnado pelos acontecimentos do ano anterior na capital de seu país natal, notadamente o massacre de estudantes por forças do Governo na Praça das Três Culturas, historicamente conhecida como Praça Tlatelolco, Paz vê naquele acontecimento brutal, que reencenava no mesmo espaço físico o extermínio da tribo Tlatelolco pelo espanhóis, no século XVI, “ao mesmo tempo a negação daquilo que desejamos ser desde a Revolução e a afirmação daquilo que somos desde a Conquista e ainda antes. Pode-se dizer que foi a aparição do outro México, ou de um de seus aspectos [que não está fora mas em nós mesmos]”. Esse “outro México” poderia funcionar como metáfora para a América Latina pós-colonial, cristalizado em recorrências que fazem pairar em suas sociedades um fantasma muitas vezes não reconhecido, recalcado, mas suficientemente presente para encarnar em seus territórios. Esta comunicação se propõe a discutir certos aspectos desse longo arco temporal traumático e de que forma o campo estético vem capturando neste século, em diversas formas de expressão, suas recorrências espaciais. Analisaremos os antecedentes do massacre de Tlatelolco na ficção de Roberto Bolaño, e suas decorrências no cinema de Alfredo Cuarón. Tal como a praça mexicana, a Ilha Dawson, na Terra do Fogo chilena, é outro desses espaços de aparição na América Latina desse “outro”. O testemunho literário de Sergio Bittar e o registro fílmico do cineasta Miguel Littín se debruçam sobre esse espaço, dando a ver os espelhamentos entre o genocídio indígena e a violência estatal praticados pelo Estado chileno. Como Octavio Paz argumenta, esse outro que essas obras capturam reaparece por ser algo que “passa sim sem passar totalmente, perpétuo presente em rotação, [espécie de] presente oculto”.

Lua Gill da Cruz

Título: Compor as temporalidades da memória no Chile contemporâneo

Resumo: Em "Basuritas", a artista chilena Cecilia Vicuña recupera e coleciona fragmentos e objetos desprezados que reúne coletivamente, dando à sua precariedade uma valorização que testemunha a passagem do tempo, o encontro no tempo-espaço e a possibilidade de deslocamentos que, como afirma, no poema "Poética", reconhece que "apenas se der significado ao desprezado poderei me enxergar nas colinas cristalinas". Em diálogo com o gesto da artista, esta comunicação pretende aproximar distintas temporalidades que operam no cenário mnemônico do Chile contemporâneo, de maneira composicional ou espiralar - pensando nas filósofas brasileiras Denise Ferreira da Silva e Leda Martins. Tratará de um exercício de unir as

experiências próprias vivendo no Chile nos dois últimos anos, observando, sobretudo, de que maneira os tempos da violência recente chilena, a destituição de Salvador Allende, o golpe de Estado de 1973, o panorama de transição e de memória coletiva pós-ditadura, estallido social, de 2019, e o contexto negacionista do país recente se relacionam e se conectam, ao longo do tempo. Mas sobretudo como se manifestam e podem ser lidos conjuntamente às imagens, produções artísticas, literárias e culturais recentes que inserem no centro das suas obras um questionamento profundo sobre temporalidades em deslocamento e que podem nos ajudar a observar como temas e questões formais retornam, sobrevivem e podem intempestivamente traduzir formas de apreensão sobre as histórias recentes do Chile.

Mônica Vaz da Costa

Título: Imagens testemunho: Violência de Estado na América do Sul

Resumo: Por um longo período a construção da história baseou-se unicamente sobre o texto escrito, em detrimento de outras fontes históricas. Na América do Sul, lembrar e narrar foi um exercício importante para a instalação de um princípio de reparação e justiça após períodos de violência de Estado. Esse boom testemunhal coincidiu com o fim dos governos militares na América Latina e também com o surgimento de movimentos identitários, que pretendiam retomar para si a escrita de sua própria história. Aqueles que sobreviveram às perseguições e torturas praticadas pelos Estados na América do Sul, precisavam dar testemunho do que aconteceu no passado recente para garantir que tais atrocidades nunca mais acontecessem. Era preciso que as vozes das populações historicamente oprimidas, que se encontravam à sombra, no campo ou na cidade, fossem ouvidas. Neste contexto, propomos uma investigação a respeito de dois conflitos armados no Peru e na Colômbia, a partir das obras: Chungui: violencia y trazos de memória, do artista peruano Edilberto Jiménez, e La guerra que no hemos visto, do artista colombiano Juan Manuel Echavarría, documentos imprescindíveis para um amplo entendimento do que foram (no caso da Colômbia, continua sendo) os conflitos armados nos dois países.

PAINEL 5

Fred Coelho

Título: “Sou eu, é você, é América Latina”: especulações políticas e estéticas para um Brasil afro-latino-americano

Resumo: Diversos textos, canções, filmes e obras visuais dos anos 1960/70 feitas no Brasil reivindicaram uma relação especulativa entre o país, os territórios latino-americanos e seus eventos históricos. Compartilhando tanto o impasse das esquerdas tradicionais sob governos ditatoriais, quanto a eclosão de práticas e ideias ligadas à contracultura, intelectuais brasileiros criaram aberturas em suas obras e pensamentos para incluir o Brasil no bojo dos debates continentais sobre o subdesenvolvimento, o colonialismo e a violência de Estado. Trabalhos de

nomes como Glauber Rocha, Lélia Gonzales, Augusto Boal ou Hélio Oiticica (autor da frase do título), serão lidos através da reivindicação imaginativa de diferentes “Américas Latinas” como espaço entre a ficção e a política, o medo e a revolução.

Maria Inés de Torres Carballal

Título: El latinoamericanismo de Ángel Rama o la construcción de un continente: crítica cultural y redes intelectuales

Resumo: Ángel Rama (Montevideo, 1926 – Madrid, 30 de noviembre de 1983) fue un crítico literario, docente, investigador, y periodista cultural uruguayo, de fuerte vocación latinoamericanista que se tradujo tanto en su producción periodística y académica, como en su prolífica obra como dinamizador cultural a través de redes intelectuales y emprendimientos culturales, dentro de los cuales cabe destacar la creación de la Biblioteca Ayacucho, dedicada a publicar ediciones críticas de clásicos y obras contemporáneas del continente. Dentro de un panorama intelectual que frecuentemente dejaba de lado Brasil al pensar al continente, Rama fue un ferviente defensor de la necesidad de pensar la cultura brasileña como parte de un proyecto continental, reflexión en buena parte nutrida por su relación con Antonio Cándido, y Darcy Ribeiro. Pero además de crítico literario y cultural, Rama fue también un activo interlocutor y difusor de escritores, críticos, editores, libreros, traductores, provenientes de prácticamente todo el continente. A través de la construcción de estas redes, materializadas sobre todo en su correspondencia (que solo muy recientemente ha comenzado a publicarse) logró llevar adelante empresas editoriales preocupadas no solo por la publicación, sino por la difícil distribución de libros y revistas a lo largo y ancho del continente. Esos intercambios sostenidos, esos diálogos de papel materializados en su correspondencia, crearon puentes que fueron en cierto modo tan cruciales como sus propias obras críticas, para la construcción de su americanismo. Esta ponencia se focalizará en el análisis de estas redes intelectuales y su rol en la construcción del americanismo, fundamentalmente a través de la reciente publicación de parte significativa de su correspondencia.

Natalie Lima

Título: Viagens ao México

Resumo: A identidade latino-americana tem no México uma de suas máscaras. Assim nos relembra Raúl Antelo em “Rua México”, artigo de 2006 em que o ensaio crítico e a ficção de Silviano Santiago são nuançados pelo pensamento de Octavio Paz, André Breton, entre outros nomes que se dedicaram a ver, no país em questão, uma espécie de síntese da América Latina. Sob uma visada diversa, e indiretamente conectada à desses intelectuais, Mario Bellatin e Roberto Bolaño, escritores que ajudam a definir a literatura latino-americana neste início de século XXI, recolocam o México, para além de seus limites fronteiriços, como ponto nevrálgico de uma reflexão em torno da vida política na América Latina, dessa vez no contemporâneo. Seja em Bellatin com Cães heróis e Bola negra, el musical de Ciudad Juarez, este último assinado juntamente com a compositora Marcela Rodriguez, seja em Bolaño com 2666 e o conto “Últimos

entardeceres da terra” (in: Putas assassinas), estão em jogo regimes de visibilidade que combinam, de um lado, procedimentos, temas e/ou personagens surrealistas (e às vezes duchampianos) e, de outro, a realidade dos desaparecimentos em série que nas últimas décadas têm marcado o país, dominado pela violência, pela corrupção e pelo narcotráfico. A partir do cenário exposto neste resumo, pergunta-se, fazendo coro com Raúl Antelo no referido texto: se o saber literário já não é o fundamento das grandes interpretações nacionais, que dirá da América Latina, como responder ao fato de que a escrita literária ainda se depara com “a não-coincidência, com o vazio fundacional, a mediar entre o tempo do enigma e o tempo da história”? Em outras palavras: de que forma seria possível relacionar as convergências sígnicas entre o horror dos desaparecimentos e assassinatos atuais com índices tipicamente mexicanos, i.e., latino-americanos, quando lidos por uma certa lente vanguardista?

Rafael Gutiérrez

Título: Literatura e impossibilidade: o caso de Mario Levrero

Resumo: Para o narrador de *Bartleby e companhia* (2000) de Enrique Vila-Matas, a impossibilidade de escrever, tem se tornado um certo "mal endêmico de las letras contemporáneas, la pulsión negativa o la atracción por la nada que hace que ciertos creadores, aun teniendo una conciencia literaria muy exigente (o quizás precisamente por eso), no lleguen a escribir nunca; o bien escriban uno o dos libros y luego renuncien a la escritura". A questão da dificuldade ou impossibilidade de escrever é também tema frequente nos diários de escritores, como em Kafka, Katherine Mansfield ou Julio Ramon Ribeyro. Trata-se de um impulso contraditório que os estudiosos de diários de escritores têm sublinhado: no diário escreve-se para dizer que não se pode escrever. Tal vez por isso não seja estranho que a primeira parte – a parte mais extensa – de "La novela luminosa" (2005) do escritor uruguaio Mario Levrero (1940-2004) assuma a forma de diário, o "Diario de la beca". Gostaria de explorar, nesta comunicação, a forma como se apresenta a questão da impossibilidade da escrita tanto em *La novela luminosa*, como em seu livro anterior *El discurso vacío* (1996), situando a discussão no marco da literatura latino-americana contemporânea.

PAINEL 6

Daniela Dorfman

Título: "¿Qué más iba a hacer la pobre?" Del Martín Fierro a la China Iron, reescribir los discursos que fundaron la Nación Argentina

Resumo: Mi presentación contrasta los discursos y concepciones con que se fundó la Nación Argentina en el siglo XIX con aquellos que propone la novela de Gabriela Cabezón Cámara, *Las aventuras de la China Iron* (2017), al narrar la fundación ya no desde la voz de Martín Fierro sino de la de su mujer, la China Iron. Reflexiono entonces sobre las condiciones de inteligibilidad

cultural que definen vidas posibles, sobre cómo esas epistemologías se construyen social y políticamente y se transforman históricamente, y sobre las condiciones de posibilidad que habilitan formas más fluidas de subjetivación, relación, y organización comunitaria.

Kelvin Falcão Klein

Título: Notícias da escritura: Sergio Chejfec e a literatura documental

Resumo: O objetivo da apresentação é o de propor uma leitura crítica do método documental do escritor argentino Sergio Chejfec, com ênfase em duas de suas obras: Últimas noticias de la escritura e Teoría del ascensor. Gostaria de chamar a atenção para o modo como o procedimento documental de Chejfec opera, simultaneamente, em dois níveis: 1) como registro da inscrição do corpo do artista na historicidade de seus meios de expressão; e 2) como forma de armar um inventário particular de referências, em permanente tensão com a tradição, o cânone e os canais tradicionais de construção e manutenção de reputações artísticas.

Luiz Guilherme Fonseca

Título: O arquivo monstruoso da literatura argentina: exumação, escritura e performance na obra de Ariel Luppino

Resumo: Se Ricardo Piglia identificou em Juan José Saer, Manuel Puig e Rodolfo Walsh as três distintas poéticas da ficção argentina pós-Borges, e se o mesmo Piglia figura em uma lista canônica de continuidade ou tensão com outros escritores argentinos (cuja figura oposta seria César Aira), há ainda uma linhagem subterrânea e monstruosa que insiste em desaguar e encontra em Ariel Luppino um de seus mais novos descendentes. Com mais de dez livros publicados, entre novelas, ensaios e relatos, Ariel Luppino vem se tornando um escritor de culto na Argentina. Ou, como o mesmo diz, um "escritor oculto" – uma vez que sua obra, publicada em editoras independentes e artesanais, circula fora do circuito editorial hegemônico. Em seus livros e performances, Luppino exuma e retoma escritores proscritos, esquecidos ou pouco conhecidos da literatura argentina do século passado, como Marcelo Fox, Alberto Laiseca e Osvaldo Lamborghini; mas também traça alianças com escritores vivos, como Mario Bellatin, Felipe Polleri e Enrique Vila-Matas, num sofisticado sistema de citações, apropriações e intertextualidades que impulsionam sempre novos livros. Fundador de editoras clandestinas que publicam exemplares únicos ou de edição limitada (El Tercer Ojo, Clandestina Chinatown), Luppino organiza grupos secretos de leitura sobre escritores esquecidos (La Otra Caja) e peregrinações performáticas em direção aos "lugares sagrados" em que esses autores estiveram (Museo Oculto). Dono de um projeto voraz e inclassificável, mistura realidade e ficção tanto em seus textos quanto em suas performances, fazendo de sua vida apenas mais um dos momentos de sua Escritura. O objetivo desta comunicação é investigar o "arquivo monstruoso" da literatura argentina a partir de Luppino, este cânone invertido que vai de Fox a Lamborghini, assim como traçar as continuidades e semelhanças com os projetos literários de Polleri e Bellatin, discutindo as torções que os conceitos de autoria e escritura sofrem na obra desses autores.

PAINEL 7

Aline Leal

Título: O eco dos arquivos perdidos

Resumo: No romance O arquivo das crianças perdidas, da autora mexicana Valéria Luiselli, o eco atravessa toda a narrativa, que tem na documentação sonora - e na produção de um "inventário de ecos" - uma força-motriz. Em determinado momento, ao leitor é explicado que o eco é um atraso nas ondas sonoras: "É uma onda sonora que chega depois que o som direto é produzido e refletido em uma superfície". Partindo desta definição, a comunicação pretende pensar o eco - o atraso, a repetição - em algumas produções literárias e artísticas latino-americanas, além de mobilizá-lo para provocar o próprio conceito de arquivo. Na medida em que o arquivo guarda algo a ser futuramente revelado, há nele um descompasso com o tempo presente, ou ainda uma temporalidade irregular, sempre numa "fuga para a frente" ainda a se concluir e que não cessa de reverberar.

Mariana Maia Simoni

Título: Novas perspectivas sobre metamorfose na literatura latino-americana

Abstract: Contemporary materialist (Braidotti 2002) and ecological (Coccia 2020) conceptions of metamorphosis account for its transcorporeal and interspecific dimension, which not only expands the theoretical tradition on animal becoming as proposed by Deleuze (1980), but also converges with certain Amerindian worldviews, as proposed in Eduardo Viveiros de Castro's perspectivism (2002). Within the framework of this change of emphasis – from a metaphorical to a materialistic dimension and from an individual body to a collective and relational body, inseparable from the environment – this paper examines the plausibility of investigating the notion of metamorphosis within the frame of a shamanic experience, defined on the basis of three actions: seeing, moving and telling.

Raúl Rodríguez Freire

Título: Formas de la ficción: la plasticidad en el atardecer del mundo

Resumo: La noción de plástico comparte con la de ficción la misma etimología, plasma. Se trata de un término que da cuenta del trabajo de unas manos sobre una materia, sea la celulosa, la arcilla o el lenguaje. Pero además de la etimología, sorprende que la crítica a la aparición del plástico fue muy similar a la crítica platónica de la mimesis. La presentación abordará esta semejanza, al tiempo que se preguntará por el lugar del plástico y la ficción en el siglo XXI. La comparación con el plástico permitirá dar cuenta de la siguiente hipótesis: a menor importancia de la ficción literaria, mayor aumento del plástico. Por supuesto que este no es el único material responsable de la contaminación, pero el modo en que nos relacionamos con él,

a partir de la condición de desechabilidad que pone en movimiento (iterada, por ejemplo, en la actual relación con la fotografía digital), permite asumirlo estratégicamente, para dar cuenta de la carencia de responsabilidad que produce la falta del lenguaje literario y su capacidad de figuración.

PAINEL 8

Christian Dutilleux

Título: Distopias latino-americanas: reflexões a partir de "Insensatez" (2004) do hondurenho Horacio Castellanos Moya e do "Material humano" (2009) de guatemalteco Rodrigo Rey Rosa

Resumo: Depois de três décadas de uma guerra civil (1960-1996) extremadamente brutal, a Guatemala tenta desvendar a história de anos de barbárie através do registro de milhares de testemunhos. Os dois autores apresentam ficções instigantes onde esse processo de busca da verdade histórica naufraga, deixando como único legado um arquivo gigantesco de documentos, preso numa emaranhada rede de poderes clandestinos, de antigos guerrilheiros, militares e políticos. Essas obras levantam de forma pessimista questões sobre a construção da memória coletiva ou, ao contrário, a necessidade da amnésia frente a barbárie, sobre a literatura de testemunho no continente, o sentido da luta política ou, ao contrário, a valorização do exílio como única saída. Temas infelizmente recorrentes na América latina do século XXI.

Marcelo Santana Ferreira

Título: Teor testemunhal na literatura latino-americana contemporânea: vestígios do estado de exceção

Resumo: Ao explorar obras de autores e autoras contemporâneas do Brasil e da Argentina como Julián Fuks, Paloma Vidal, Mariana Enriquez e Henrique Schneider, encontramos importantes signos da experiência traumática das ditaduras no Brasil e na Argentina. São escritas que ampliam o sentido dos lugares enunciativos, compondo narradores e narradoras que deambulam pelo texto e por uma exterioridade "extra-textual", catando elementos para a elaboração de uma memória da ditadura. Fuks imagina uma resistência ampla ao esquecimento compulsório do estado de terror na Argentina e no Brasil: perguntar-se, desejar ter um filho. O seu livro A resistência de 2015 será o propulsor para a apresentação do trabalho, voltado às estratégias de enunciação em curso nos livros A resistência de Julián Fuks, Os perigos de fumar na cama de Mariana Enriquez, relançado em 2023 e Setenta de Henrique Schneider, de 2019. Os três livros tem indissolúveis singularidades, mas lançam perguntas sobre a caracterização de um narrador precário, quase esquecido, com parca memória sobre o passado traumático. Mas não se constringe diante da tarefa de abrir passagem ao que foi vivido, tanto diretamente no caso de sobreviventes de torturas, quanto indiretamente, no caso de herdeiros de exílios. O propósito do trabalho é defender que há uma estética dos livros com teor testemunhal na literatura latino-americana que se nutrem da fragilidade e do que é arruinado para erigir textualidades

híbridas, experimentais, em que narradores se compõem paulatinamente, sem sucumbirem ao horror, encontrando o remédio transgeracional que pode servir a um trabalho de luto em relação ao que ainda não foi devidamente narrado, encenando a força mnemônica que contrai a sucessão do tempo numa delicada atenção ao que passou. A principal inspiração teórica para a apresentação se encontra nas discussões de Walter Benjamin sobre a relação entre memória e verdade, além da sua inquietação com o exercício da crítica literária e filosófica. São textos literários lidos muitas vezes, belos e estranhos, que nos ajudam a pensar sobre o passado que ainda não passou.

Mario Cámara

Título: Plataformas de encuentro y escucha. De Vivi Tellas a Paulo Nazareth

Resumo: “Plataformas de encontro e escuta. De Vivi Tellas a Paulo Nazareth”, propõe que, em nosso presente, uma parte das artes se baseia na empatia que surge no encontro com outras vidas. Essa empatia não está tão interessada em um tipo de história ou imagem que tenha algum conteúdo generalizável, mas em uma presença situada. O contato com esses outros parece sugerir a busca por uma autenticidade que algum tipo de “dever ser” das décadas anteriores obscureceu. Essas vidas não são mais desafiadas por nenhum ideal político, não é mais exigido que tenham algum conhecimento específico ou alguma consciência futura com o objetivo de liderar uma transformação social, nem são submetidas a formalizações estéticas cujo objetivo era, por exemplo, expandir a consciência ou recuperar um corpo neutro ou esquecido; elas emergem como vidas persistentes para as quais os artistas procuram construir um espaço adequado que as fortaleça em sua persistência.